

CADERNOS DE BEATRIZ: discussões teóricas para uma aproximação com a matemática nos registros de estágio da normalista gaúcha (1967)¹

Diogo Franco Rios²
Maria Cecília Bueno Fischer³

RESUMO

O presente artigo sintetiza as reflexões produzidas na primeira etapa de análise de cadernos escolares como fonte de pesquisa para a história da educação matemática, apresentando aproximações teóricas feitas pelos autores sobre a utilização de fontes dessa natureza. Tal etapa foi cumprida como antecedente à análise da matemática presente em um conjunto de cadernos do estágio realizado por uma normalista em uma turma de 1º ano primário de uma escola gaúcha, no ano de 1967. Trata-se de um acervo pessoal constituído por cinco cadernos, que correspondem à totalidade dos registros da normalista relativos às atividades durante aquele estágio, etapa obrigatória de sua formação na escola normal. O texto não apresenta, propriamente, uma discussão sobre a matemática presente nesses cadernos, mas convida o leitor a um debate acerca de aspectos técnicos da materialidade desse objeto escolar, bem como sobre as potencialidades e limites desse tipo de fonte para a produção de explicações de cunho histórico a respeito de práticas de matemática ocorridas no interior das instituições formadoras de normalistas no país.

Palavras-chave: História da educação matemática. Cadernos escolares. Escola Normal. Estágio. Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article synthesizes the reflections produced in the first stage of analysis of schoolbooks as a research source for the history of mathematics education, presenting theoretical approximations made by the authors about the use of this kind of source. This stage was fulfilled as an antecedent to the analysis of the mathematics present in a set of notebooks of the period of school-based teaching practice – “estágio”- realized by a trainee teacher in a student classroom of the first year of a primary school of Rio Grande do Sul/Brasil in 1967. It is a personal collection constituted by five notebooks, which correspond to the totality of the trainee teacher records related to the activities developed during her practice, an obligatory stage of her formation in the teacher’s college. The text does not present a discussion about the mathematics present in these notebooks, but invites the reader to a debate about technical aspects of the materiality of this school object, as well as the potentialities and limits of this type of source for the production of historical explanations regarding the practices of mathematics occurring within the teacher training institutions in the country.

Keywords: History of mathematics education. School notebooks. Teacher’s College. School-based teaching practice. Rio Grande do Sul.

¹ Este texto se inscreve no âmbito de projetos financiados pelo CNPq e FAPERGS.

² Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática e em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: riosdf@hotmail.com

³ Docente do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mcceliabfischer@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo está vinculado ao Projeto de Pesquisa *Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande Do Sul (1889-1970)*, que entre seus objetivos se propõe a “investigar em perspectiva histórica a formação de professores primários para o ensino dos saberes matemáticos implementada nas escolas normais ou complementares do Rio Grande do Sul, no período 1889-1970” (Búrigo, Dalcin, Dynnikov, Rios, Fischer, & Pereira, 2016, p. 21), articulando pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade de Passo Fundo, com financiamento do CNPq⁴.

Entre as fontes de pesquisa do referido projeto, e que foram localizadas até o momento, encontra-se um conjunto de cadernos utilizados por uma normalista durante o estágio em uma turma de 1º ano do ensino primário, em uma escola gaúcha, durante o segundo semestre de 1967.

Apresentaremos aqui uma discussão a respeito de algumas aproximações teóricas escolhidas do campo da História da Educação para realizar um tratamento historiográfico desses cadernos escolares a que tivemos acesso. Das aproximações que fizemos, destacamos o debate sobre a análise de cadernos como objeto escolar (Chartier, 2002; Fernandes, 2008; Lopes, 2008); os cadernos escolares como fonte histórica (Gvirtz & Larrondo, 2008; Viñao, 2008), cadernos escolares em sua relação com a cultura escolar (Andrés & Zamora, 2008; Julia, 2001). Neste artigo, trataremos ainda alguns aspectos da materialidade dessas fontes e uma discussão inicial a respeito do contexto da educação matemática no Rio Grande do Sul à época em que esses materiais foram produzidos.

O conjunto de cadernos surge após um esforço coletivo de localizarmos materiais (institucionais e pessoais) a respeito da formação matemática de normalistas no estado, no período delimitado pelo projeto. Após o contato com uma ex-aluna, os cadernos foram cedidos para a realização da pesquisa e autorizada sua digitalização e disponibilização no Repositório Digital da Universidade Federal de Santa Catarina, mantendo a identificação da autoria (Daudt, 1967a; 1967b; 1967c; 1967d; 1967e).

Com relação às experiências de que tratam os cadernos que discutiremos aqui, também está em andamento a produção de fontes orais relativa às memórias daquele estágio realizado pela ex-normalista e da formação matemática que fazia parte do Curso

4 Aprovado no Edital Universal 2016.

Normal, tendo como perspectiva teórico-metodológica a História Oral (Thompson, 2002; Portelli, 2010).

Antes de iniciarmos propriamente a apresentação dos cadernos e nossas primeiras considerações a respeito dessas fontes, convém destacar a relevância da utilização de cadernos escolares para análises historiográficas a respeito dos saberes e das práticas didáticas de matemática que estiveram presentes na formação dos normalistas e, de maneira mais ampla, no interior das diversas instituições escolares brasileiras, tema que tem ocupado a atenção de parte importante dos pesquisadores da área de História da Educação Matemática do país, nos últimos anos.

Os cadernos vêm ganhando importante espaço nas pesquisas que analisam as práticas educativas escolares tanto de alunos quanto de professores o que, segundo Gvirtz e Larrondo (2008), deve-se

[...] ao fato de esses cadernos serem uma fonte privilegiada para a pesquisa educativa. Em primeiro lugar, porque os alunos os usam diariamente tanto para registrar mensagens como para desenvolver atividades. Assim, permitem conservar o registrado, o que distingue o caderno escolar de outros espaços de escrita. Em segundo lugar, o caderno escolar – um espaço de interação entre professores e alunos – permite que sejam vistos os efeitos dessa interação, ou seja, a tarefa escolar. Em síntese, o caderno é uma pista privilegiada do ensino que nos leva a conhecer tanto o passado como o presente dos sistemas educativos. (Gvirtz; Larrondo, 2008, p. 35)

Os cadernos escolares, por figurarem como um objeto de registro diferenciado da escrita escolar, marcado pela intervenção, em diferentes níveis e com diferentes objetivos, de professores e alunos, “constituem um campo significativo para observar processos históricos, culturais e pedagógicos, podendo representar relações de poder, relações interpessoais e, sobretudo, a produção de saberes vivenciados no cotidiano da escola” (Fonseca, Reis, Gomes, & Faria Filho, 2014, p. 16). São, assim, fontes privilegiadas quando se busca compreender, pelos registros da escrita, as possíveis relações entre os saberes produzidos na escola e seus atores sociais, articulados nesse espaço de interação da prática educativa: gestores, professores, alunos, objetos educativos, dentre outros.

Claro que também, como qualquer fonte histórica, possui limites quanto ao potencial explicativo, de modo que seu uso precisa se ajustar às questões colocadas pelo historiador. No entanto, a favor do uso dos cadernos de alunos – para avançarmos nas análises historiográficas sobre as práticas educativas de matemática que aconteceram no

interior das instituições escolares brasileiras – está, exatamente, a possibilidade de ampliarmos a natureza das questões que nos propomos a responder e o conjunto de interpretações que consideramos a respeito dos processos pedagógicos de que nos ocupamos em nossas atividades de pesquisa. Rios (2012; 2016) vem defendendo, mesmo não se referindo especificamente a cadernos escolares, a importância da perspectiva de alunos para a discussão de aspectos da História da Educação Matemática que não são favorecidos pelo ponto de vista de outros personagens do cenário educacional.

Antonio Viñao (2008), ao discutir cadernos escolares como fonte histórica, defende que o uso de tais fontes se contrapõe a uma posição mais tradicional da história da infância⁵:

Já não se trata de aproximar-se do mundo da infância a partir dos documentos sobre as crianças produzidos pelos adultos, como veio sendo habitual, ou do que o adulto disse ou mostrou sobre a criança que foi, mas de documentos escritos (cartas, diários, cadernos e exercícios escolares etc.) ou icônicos (desenhos) produzidos pelas próprias crianças, tendo em conta, obviamente, o caráter disciplinado, controlado e condicionado pelos adultos que ditos documentos costumam possuir.

(Viñao, 2008, p. 15-16)

Dito de outro modo, a utilização de cadernos de alunos pode oferecer, para a produção historiográfica, perspectivas distintas das dos docentes a respeito das práticas educativas realizadas, mas impõe um cuidado: não se pode considerar os cadernos como expressão de uma autoria livre do aluno. “As escritas que se refletem nos cadernos escolares não surgem de uma exigência íntima, mas são controladas, disciplinadas pelo professor. Possivelmente, constitui-se como um dos desafios do historiador conseguir averiguar o que de espontâneo e criativo há nelas” (Andrés & Zamora, 2008, p. 173).

Tal desafio pode ser compreendido se considerarmos a pluralidade de significações que, segundo Fernandes (2008), são atribuídas ao caderno, em sua utilização como objeto ligado à prática educativa no âmbito de uma instituição escolar, possibilitando vê-lo como

[...] um espaço de *liberdade consentido ao estudante*, mas impõe, igualmente, em certos casos, uma tecnologia do corpo submetida a regras estritas. A utilização do caderno gerou uma relação curricular e

5 Neste trabalho não estamos tratando propriamente de cadernos infantis, mas reconhecemos que, por analogia, é válido o esforço em nos aproximarmos das práticas das normalistas a partir de seus próprios discursos.

educacional que se deixou penetrar pela vivência da escola, entre margens de interdições e de consentimentos.

(Fernandes, 2008, p. 50, grifo nosso)

Como já dissemos, os cadernos também expressam as relações de poder colocadas em ação no cotidiano da escola, em que os registros dos alunos dialogam e manifestam cuidados referentes com as regras aí estabelecidas. No caso dos cadernos aqui analisados, por exemplo, tanto as marcas de avaliação são expressão da ingerência das supervisoras sobre a escrita da estagiária quanto o cuidado dela em separar os registros do estágio em cadernos temáticos dizem de um disciplinamento já aprendido da escrita que se esperava das normalistas.

Entender essas relações é adentrar no debate da cultura escolar dessas instituições de formação de professores, uma vez que, de acordo com Julia (2001), a cultura escolar pode ser descrita como

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

(Julia, 2001, p. 10)

Para além da atenção exigida do historiador ao ocupar-se desse tipo de fonte, os limites explicativos inerentes aos cadernos estão efetivamente colocados, mesmo quando as questões que se quer analisar referem-se às práticas dos alunos, às suas produções ou, de modo mais geral, às suas ações em ambiente escolar, mas escapam ao universo da escrita. Os cadernos escolares não oferecem indícios sobre um amplo conjunto de práticas ligadas a uma disciplina escolar, uma vez que

[...] o espaço de produção escrita dedicada a um exercício, atividade ou matéria não reflete exatamente o tempo dedicado a cada uma dessas tarefas no horário escolar [...] Some-se a isso que os cadernos também não refletem toda a produção escrita dos alunos na sala de aula.

Nem tudo está nos cadernos. Eles silenciam, não dizem nada sobre as intervenções orais ou gestuais do professor e dos alunos, sobre seu peso e o modo como ocorrem e se manifestam, sobre o ambiente ou clima da sala de aula, sobre as atividades que não deixam pistas escritas ou de outro tipo, como os exercícios de leitura [...] e todo o mundo do oral.

(Viñao, 2008, p. 25)

A utilização de cadernos escolares como fonte de pesquisa histórica não é novidade no campo da História da Educação Matemática, como já mencionamos. No âmbito do GHEMAT, por exemplo, neste ano, os cadernos de alunos e professores e a história da educação matemática foi tema do seu XV Seminário Temático, o que sinaliza para a importância de nos ocuparmos ainda mais dessas fontes no exercício de cruzamento com outros documentos escolares mais tradicionalmente tomados como fonte de pesquisa.

Tentando cumprir o esforço de trabalhar com cadernos escolares no referido evento foram apresentados dezesseis trabalhos que discutiram a história da educação matemática, tendo, como fontes prioritárias, cadernos gaúchos, entre os quais se encontra uma versão preliminar deste trabalho.

Podemos reunir os trabalhos em dois grupos: no primeiro, inclui-se os trabalhos que, apesar de não fazerem ainda um exercício de cruzamento com outras fontes, mostram o esforço de pesquisadores e alunos que começam a olhar para os cadernos como fonte de pesquisa historiográfica (Alves; Araújo & Silva; Luz & Rios; Rodrigues & Rios; Schuster, Sauter & Fischer; Silva & Búrigo). Alguns desses trabalhos indicam que, em função da pouca familiaridade com esse tipo de fonte, foi necessário um esforço por parte dos autores para se apropriarem de referências teórico-metodológicas que discutem cadernos escolares como documento histórico ou como objeto da cultura material escrita presente no cotidiano escolar. Uma versão preliminar deste artigo foi discutida no evento e pode ser incluída neste primeiro grupo de trabalhos.

De outro lado, temos um segundo conjunto de trabalhos que avançam um pouco mais nas análises de cadernos escolares, apresentando um cruzamento com outras fontes, como livros didáticos e legislação, trazendo uma abordagem que extrapola a discussão sobre a fonte e dialoga com a história da educação matemática já produzida no Rio Grande do Sul, (Hawat; Kuhn & Bayer; Rheinheimer & Dalcin; Ripe & Alves; Rosa & Búrigo; Silva; Silveira, Costa, & Soares; Texeira & Dalcin; Zuin).

OS CADERNOS

Passamos, agora, a uma análise de aspectos da materialidade do conjunto de cinco cadernos utilizados durante o “estágio de regência de classe”⁶, realizado em uma turma

⁶ Segundo a professora Beatriz, naquele ano, não houve uma professora titular para turma C. A turma foi assumida por uma estagiária durante todo o primeiro semestre e por ela no segundo.

somente de meninas, turma C, de 1º ano primário, no Ginásio São Luiz, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre de 1967, pela normalista da Escola Normal Santa Catarina, também em Novo Hamburgo, Beatriz Terezinha Daudt⁷.

Os cinco cadernos que compõem esse acervo pessoal são identificados, na primeira página interior, como “caderno de planos”, “caderno de planos nº 2”, “diário de classe⁸”, “comprovante” e, por último, “avaliação”. Tais nomenclaturas davam conta de identificar os diferentes registros demandados pelo estágio, de acordo com uma pré-entrevista já realizada com a ex-normalista.

Os dois cadernos identificados como cadernos de planos possuem encadernação em espiral, com folhas pautadas, medindo 22,5 cm por 16 cm. O primeiro caderno de planos possui cento e vinte e uma folhas, todas preenchidas frente e verso, exceto as duas primeiras, que a estagiária reservou, assim como no segundo caderno, para a identificação e apresentação de uma mensagem de caráter religioso, explicitando a natureza confessional tanto da Escola Normal Santa Catarina quanto do Ginásio São Luiz. O segundo caderno possui cento e trinta e três folhas. A continuação dos planos inicia-se na página cinco indo até a cento e nove, quando encerram os planos da estagiária, simultaneamente ao encerramento do ano letivo (Daudt, 1967a; 1967b).

O caderno “diário de classe”, assim como os anteriores, possui folhas pautadas, com encadernação em espiral e as mesmas medidas. Igualmente, as duas folhas iniciais estão reservadas para identificação e mensagem de abertura, também de caráter religioso. Possui noventa folhas, sendo que apenas as últimas três páginas estão sem preenchimento. Os registros contidos no caderno possuem muita semelhança com os dois cadernos de planos mencionados, com indicações de que se trata da descrição produzida posteriormente às aulas, contendo o registro daquilo que foi realizado, em diálogo com o planejamento registrado nos cadernos de planos (Daudt, 1967c).

Já o caderno “comprovante” (Daudt, 1967d) possui encadernação do tipo canoa, com folhas pautadas, medindo 22 cm por 15,5 cm. Diferente dos anteriores, apenas a primeira página é reservada para identificação e não há registro de uma mensagem de abertura. Possui noventa e seis folhas, estando apenas as últimas cinco páginas sem preenchimento. Consta afixado com cliques várias atividades mimeografadas, respondidas

7 Nos cadernos consta o nome de solteira de Beatriz Terezinha Daudt Fischer.

8 O termo “diário de classe” é mais comumente utilizado para referir-se ao livro de controle institucional de registro dos conteúdos diários e da frequência dos alunos. No caso deste diário de classe, não se trata de um registro institucional, mas de uma versão mais detalhada da atividade diária que compunha um dos registros de estágio da normalista.

por diferentes alunos. O referido caderno poderia ser classificado como “caderno de rotação”, também denominado como *cahier de roulement* ou *el libro de actas de la escuela*, conforme detalha Viñao (2008, p. 21) ou, ainda, *caderno de rodízio*, conforme Chartier (2002, p. 17), já que, pela identificação nominal e de caligrafia, seu preenchimento obedecia a um revezamento entre os alunos da turma para o cumprimento de atividades das diferentes “matérias”⁹ (estudos sociais, linguagem, matemática, religião, etc.), além de algumas poucas marcas de correção feitas pela estagiária. Há também registros de “visto” à caneta, datados, em várias páginas dos diferentes cadernos feitos por diferentes professoras da “equipe supervisora de estágio”, conforme nos contou a ex-estagiária Beatriz.

O referido caderno parece-nos oferecer outros interessantes elementos quanto às relações de poder estabelecidas entre a “equipe de supervisoras”, a estagiária e a turma do 1º ano que, além de ter suas intervenções analisadas pela estagiária, seus registros funcionavam como uma vitrine tanto das atividades propostas pela estagiária quanto da aprendizagem de diferentes alunos. Um olhar atento das marcas de correção identificadas no caderno “comprovante” poderá oferecer uma série de *indícios* (Ginzburg, 1989) sobre os sistemas de controle e poder estabelecidos durante o estágio, tanto sobre os alunos e quanto sobre a estagiária.

Isa Cristina da Rocha Lopes (2008), discutindo as marcas de correção em cadernos escolares, aponta para a importância do estudo dessas intervenções, uma vez que elas visibilizam relações de poder no cotidiano escolar:

Em primeiro lugar, porque expressam o que é correto ou não em determinado contexto; e, em segundo, porque assinalam a hierarquia das relações entre quem ensina e quem aprende. Entre outras funções, elas intencionam não só indicar uma ordem, mas também dirigir a atenção para aspectos relacionados aos diversos eventos que compõem o cotidiano escolar. O que se sabe sobre a atividade de correção escolar faz parte de uma rede de sentidos sociais e integra um saber sobre papéis e atividades docentes.

(Lopes, 2008, p. 192)

Por último, o caderno “avaliação” (Daudt, 1967e) possui encadernação do tipo canoa, com folhas quadriculadas, medindo 22 cm por 15,5 cm. Possui dezoito folhas, todas

⁹ O uso do termo “matérias” nos cadernos da normalista parece aproximar-se do modo como Valente o caracteriza, ao discutir, especificamente, a organização dos saberes matemáticos na escola primária: “conjuntos organizados de conteúdos para o ensino [...] reunindo por vezes rudimentos, por vezes elementos, de diferentes saberes” (Valente, 2016, p. 281).

preenchidas a partir da segunda, sendo a primeira reservada para a identificação. Nesse caderno constam os registros de notas atribuídas às 34 alunas, durante os meses de agosto, setembro e outubro, relativas aos aspectos “interêsse”, “composição”, “ditado”, “tema”, “lição oral”, “sab. linguag.,” “sab. matem.,” “sab. estudos¹⁰” e “testes”. Curiosamente, não constam as notas dos “testes” do mês de agosto e, apesar de uma coluna reservada para tal, não há qualquer registro de notas para o mês de novembro. De acordo com Beatriz, provavelmente não há registro na coluna reservada ao mês de novembro porque já seria o período em que os resultados eram anotados oficialmente pela Escola. Esse caderno, de “avaliação”, foi feito por iniciativa da estagiária, não sendo uma demanda obrigatória, segundo nos contou.

Todos os cadernos estão em boas condições de conservação, possuindo folhas amareladas pelo tempo, com algumas soltas, naqueles de encadernação tipo canoa. Em geral, estão preenchidos à caneta azul, com destaques feitos à caneta vermelha. Preserva diversas colagens coloridas com material confeccionado pela estagiária ou a partir de recortes de jornal ou revista. No caderno “comprovante” há também colagens de materiais confeccionados pelos alunos e desenhos a lápis.

As capas dos cinco cadernos são forradas com papel estampado, contendo a colagem de uma imagem de menina da coleção “meninas de papel”, em papel, diferentes entre si, com diferentes modelos e cores de vestidos, aspecto que não será objeto de discussão neste momento, mas que diz sobre a cultura juvenil feminina à época. Além disso, as capas são forradas novamente com plástico transparente, à exceção do caderno “avaliação”. Como exemplo, segue a imagem da capa do caderno “caderno de planos n. 2”.

Figura 1 – Capa do “caderno de planos n. 2



Fonte: Acervo pessoal de Beatriz T. D. Fischer.

¹⁰ A expressão abreviada “sab. linguag” refere-se à sabatina de Linguagem, “sab. matem.” à sabatina de Matemática e “sab. estudos” à sabatina de Estudos Sociais, conforme nos informou a professora Beatriz.

PRÓXIMAS ETAPAS OU A MATEMÁTICA NOS CADERNOS DE BEATRIZ

Como dissemos inicialmente, aqui tivemos como pretensão apresentar uma síntese das reflexões teóricas das quais nos aproximamos, a respeito da utilização de cadernos escolares como fonte de pesquisa historiográfica. Tal expediente foi cumprido para dar conta de uma primeira camada de análise dos cadernos de uma estagiária, que compõem o conjunto de fontes já localizadas e disponibilizadas para o projeto de pesquisa “*Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*”. Tal ação nos pareceu fundamental por considerarmos que os objetos tratados, cadernos escolares, carregam muitos elementos que extrapolam a matemática que carregam.

O tratamento dessas fontes, realizado até o momento, não pretendeu discutir propriamente a matemática presente nos cadernos de estágio de Beatriz, mas suscitar uma discussão de elementos associados a esse tipo de fonte e oferecer um tratamento técnico e reflexivo aos aspectos que o constituem como objeto escolar e de registro de uma experiência vinculada ao itinerário formativo de uma normalista.

Para as próximas etapas de pesquisa com esse conjunto de fontes aqui apresentado, reconhecemos que há muitas questões ainda a serem discutidas e que estão diretamente relacionadas com a história da educação matemática, entre elas: como se distribuem os registros de matemática, em relação aos demais conteúdos que constam nos cadernos? Quais conteúdos de matemática podemos identificar, nos registros das atividades presentes nos cadernos? No período em questão, 1967, quais eram as orientações oficiais quanto ao programa de matemática a ser desenvolvido num primeiro ano primário? O que indicam os registros feitos pela estagiária, assim como pelas supervisoras do estágio, ao longo dos cadernos? E quanto à escrita dos estudantes no caderno “comprovante”? Enfim, como refere Fernandes (2008),

O caderno escolar, no seu território próprio, depõe sobre uma pluralidade de significações: orientação do ato educativo em que captam objetivos políticos e sociais, além de teorias e práticas pedagógicas, relação professor-discípulo no quadro da sala de aula, estética da ilustração dos modelos de escrita e, finalmente, as interfaces econômicas, designadamente comerciais, que lhe suportavam a difusão ou decorriam dela.

(Fernandes, 2008, 49)

Como já destacamos, o conjunto de cadernos, objeto desta investigação, tem muitos outros aspectos a serem explorados. Aqui, apresentamos uma primeira camada de análise, que já nos permite afirmar sobre o enorme potencial explicativo que o material apresenta e que pretendemos realizar no decorrer da pesquisa.

Como exemplo das potencialidades do material, identificamos nas primeiras páginas do “Caderno de Plano” o “Plano de Curso” que deveria ser desenvolvido pela estagiária. Ao final do plano consta a seguinte observação: “Na primeira série do curso primário, não deverá haver, por parte do professor, preocupação em sistematizar a aprendizagem no que se refere ao Sistema Monetário (C.P.O.E.)” (Daudt, 1967a, p. 9). A referência ao CPOE, sigla do Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais, órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul à época, é um indicativo de que as orientações do Centro eram consideradas pelos professores e estagiários, apontando para mais uma questão que pode ser investigada e que diz respeito às relações entre o currículo da escola e as prescrições legais, advindas daquele órgão oficial.

Ainda sobre o “Plano de Curso”, na sequência em que são apresentados os conteúdos de todas as matérias, identificados por letras do alfabeto, a letra H contempla os itens de matemática que deverão ser desenvolvidos no período do estágio, os quais, efetivamente, estão presentes nos planos de aula do semestre, conforme verificamos nos dois cadernos de planos da estagiária (Daudt, 1967a; 1967b).

As atividades ou exercícios de matemática não aparecem separados, explicitamente, das demais matérias do planejamento da estagiária, característica comum em todo o curso primário, como nos afirmou Beatriz. As atividades de matemática, assim como as outras, eram propostas às alunas de modo integrado e seguindo, em geral, um mesmo tema da aula.

No que se refere especificamente à matemática, podemos registrar nos cadernos da estagiária a presença de exercícios e atividades especialmente de aritmética, próprias daquela etapa escolar – 1º ano – como: estudo das quantidades até 99, dezenas, unidades, composição e decomposição de números, adição, subtração e problemas envolvendo atividades do cotidiano dos alunos (Daudt, 1967a; 1967b; 1967c; 1967d).

Enfim, este é um texto que não se propõe a por um ponto final na investigação sobre a matemática na experiência de estágio vivida por Beatriz em uma turma de 1º ano, em 1967, mas sintetizar as etapas já cumpridas da análise dos cadernos escolares dessa normalista e indicar o quanto ainda pretendemos explorar essa fonte de pesquisa.

Precisamos prever, ainda, etapas de análises historiográficas que ponham os vestígios desse estágio em diálogo com outras fontes escolares e com referências da história da educação matemática existentes, que nos permitam produzir interpretações mais aprofundadas sobre as práticas e saberes matemáticos presentes nos cursos normais no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS E FONTES

Andrés, M. M. P., & Zamora, S. R. (2008). Representações da escola e da cultura escolar nos cadernos infantis (Espanha, 1922-1942). In Mignot, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (pp. p. 161-185). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Alves, M. (no prelo). Começando a analisar cadernos das primeiras décadas do século XX: uma busca de indícios de matemática em um caderno de aluno de 1937 – 1938. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Araújo, F.; Silva, C. M. S. (no prelo). Cadernos da década 1950 e o ensino de aritmética: o que era ensinado no interior do RS. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Búrigo, E. Z., Dalcin, A., Dynnikov, C. M. S. S., Rios, D. F., Fischer, M. C. B., & Pereira, L. H. (2016). *Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*. Projeto de Pesquisa. CNPq. Porto Alegre, 41f.

Chartier, A.-M. (2002). Um Dispositivo sem Autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº3, jan./jun. 2002, p. 9-26.

Daudt, B. T. (1967a). *Caderno de Planos*. Novo Hamburgo: (não publicado). 121f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172772>>.

Daudt, B. T. (1967b). *Caderno de Planos nº 2*. Novo Hamburgo: (não publicado). 133f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/171543>>.

Daudt, B. T. (1967c). *Diário de Classe*. Novo Hamburgo: (não publicado). 90f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/171542>>.

Daudt, B. T. (1967d). *Comprovante*. Novo Hamburgo: (não publicado). 96f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172773>>.

Daudt, B. T. (1967e). *Avaliação*. Novo Hamburgo: (não publicado). 18f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/171541>>.

Fernandes, R. (2008). Um marco no território da criança: o caderno escolar. In Mignot, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (pp. 49-68). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Fonseca, N. M. L., Reis, D. A. F., Gomes, M. L. M., & Faria Filho, L. M. (2014). O caderno de uma professora-aluna e as propostas para o ensino da aritmética na escola ativa (Minas Gerais, década de 1930). *Hist. Educ.* [on line]. 18(42), 9-35.

Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gvirtz, S., & Larrondo, M. (2008). Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In Mignot, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (pp. p. 35-48). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Hawat, J. L. C. (no prelo). Fontes para a pesquisa do ensino dos saberes elementares matemáticos nas escolas públicas primárias de Porto Alegre/RS (1873- 1909). *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Julia, Dominique. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. 1(1), 9-43.

Kuhn, M. C.; Bayer, A. (no prelo). As contas práticas em cadernos de alunos de escolas paroquiais luteranas gaúchas da primeira metade do século XX. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Lopes, I. C. R. (2008). Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção. In Mignot, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (pp. 187-203). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Luz, L. B.; Rios, D. F. (no prelo). Investigando cadernos escolares: os problemas aritméticos presentes em um caderno gaúcho de segundo ano primário (1959). *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Portelli, A. (2010). *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz.

Rheinheimer, J.; Dalcin, A. (no prelo). Análise de um caderno de Matemática de 1917 do Curso Médio da Escola Complementar de Porto Alegre. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Rios, D. F. (2012). *Memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino de Matemática Moderna: a construção de uma instituição modernizadora*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, BA, Brasil.

Rios, D. F. (2016). Memórias de Ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia: contribuições para a História da Educação Matemática. *Bolema*, 30(56), 1223-1243.

Ripe, F.; Alves, A. M. M. (no prelo). A escrita numérica escolar como uma prática normatizada: análise de dois cadernos do Curso Primário (1958-1959). *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Rodrigues, J.; Rios, D. F. (no prelo). Diálogo entre objetos escolares: práticas de matemática em um livro e um caderno de abril de 1967. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Rosa, N. G.; Búrigo, E. Z. (no prelo). Problemas aritméticos em um diário escolar. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Schuster, K. S.; Sauter, L. T.; Fischer, M. C. B. (no prelo). Um caderno de exercícios de aritmética (Rio Grande do Sul, 1971): primeiras considerações. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Silva, M. B. O.; Búrigo, E. Z. (no prelo). Divisibilidade em um caderno do ensino primário dos anos 1950. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Silva, C. M. S. (no prelo). Alimentos como temática de problemas aritméticos propostos para alunos de escolas primárias, na década de 1950, em estados das regiões Sul e Sudeste. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Silveira, A. A.; Costa, L. L.; Soares, L. (no prelo). Cadernos de planejamento de duas professoras: o trabalho com a matemática em turmas de 2ª série na década de 1960. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Texeira, G.; Dalcin, A. (no prelo). O ensino de matemática no Colégio Concórdia: 1902 a 1942. *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.

Thompson, P. R. (2002). *A Voz do Passado: história oral*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Valente, W. R. (2016). *Les Enjeux da Pesquisa em História da Educação Matemática nos Anos Iniciais Escolares*. *Diálogo Educacional*, 16(48), 271-299.

Viñao, A. (2008). Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In Mignot, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (pp. 15-33). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Zuin, E. S. L. (no prelo). Sistema métrico nos cadernos de Gladis (1956). *Anais do Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990*, Pelotas, RS, Brasil, 15.